

# O labirinto imagético de Cláudia Müller



EUGENIA GAY

*Exhibition*, de Cláudia Müller, estreado em março no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Rio de Janeiro, deixou muitos com água na boca. Os sortudos que conseguimos ingressos para o “espetáculo” sem dúvida sabemos que participamos de um evento irrepetível e extremamente raro nessas latitudes.

Como bem expressava Lessing no seu *Laocoonte (IV)*, as artes cênicas se conectam com as artes visuais pelo que, em ambas, não imaginamos que vemos, como acontece na literatura ou a poesia, mas vemos efetivamente. Ambas são imagens. Imagens que levadas ao extremo acabam por limitar o jogo livre da imaginação, que se nutre do desconhecido, do inclassificável, do inconceptualizável. O que se coloca à nossa frente provoca uma reação imediata, assim como o sabor amargo ou doce na boca, e o seu julgamento é por isso anterior a qualquer racionalização. A literatura então, por ser menos explícita, menos gráfica, tem menos riscos de ofender a visão. O que dizer então de uma obra que se propõe gráfica e cênica, pois emoldurada no campo da dança, mas onde o que há para ver, se encontra escrito em uma linguagem

tão conhecida, tão mundana, que nos envolve nela mesma sem deixar-nos passar do significante ao significado? O que fazer quando o signo conhecido se transforma ele mesmo em um labirinto farto de significados que exige nossa imaginação até a exaustão?

É o caso da obra de Cláudia Müller. Lessing concordaria em que nada novo se ofereceu

## Ainda reconstruímos o espetáculo em nossa memória, procurando o truque mágico que nos encantou

gratuitamente à visão. Nada que pudesse ser julgado como novidade e assim encantar ou desagradar, e que se deixasse classificar no repertório da experiência adquirida como espectadores ou como críticos. E no entanto, a julgar pelas expressões dos assistentes, o que a obra provocava era um fluxo frenético de julgamentos nunca suficientes e constantemente renovados sobre o acontecido. Cada lugar comum, cada signo de um cenário conhecido desfazendo-se na passagem do tempo, impedindo formular um juízo certo, alguma decisão ou ação efetiva. Assim, presos na poesia da artista, os espectadores foram levados a abandonar a sala, desconfiados de que o evento excedia qualquer leitura possível. Alguns de nós ainda o reconstruímos em nossa memória, procurando o artifício, o truque mágico que nos encantou.

Palmas para Cláudia Müller, que conseguiu mais uma vez devolver a inquietude e a angústia da arte e da criação às mãos do espectador.